

EDITORIAL

Analúcia Danilevicz Pereira

Junho/2024

O final da Guerra Fria apresentou um conjunto de crises sobrepostas e multifacetadas cujo epicentro estamos atravessando neste momento. A crise atual é bastante peculiar, principalmente, pela simultaneidade de vários eventos que convergem em direção aos conflitos e às guerras – profunda crise econômica (intensificada com a pandemia); progressivo desgaste de sistemas, regimes e organizações políticas internacionais; desgaste do Ocidente como modelo civilizatório; rápida diminuição da estabilidade política e estratégica internacional. A multipolaridade que se desenha ainda é instável. Entretanto, rapidamente, novos alinhamentos têm se configurado revelando uma nova balança de poder internacional. Nesse sentido, o Ocidente tem contribuído com suas crises internas e política internacional destrutiva.

A África, por sua vez, não é mais apenas um espaço de fornecimento de matérias-primas. O crescimento econômico do continente ampliou o seu papel na economia global. A economia africana passou a ser um componente cada vez mais orgânico e significativo para a economia mundial, ligado à sua dinâmica, mas também ao progresso científico e tecnológico. As mudanças de caráter sistêmico na posição do continente africano, como espaço geopolítico e geoeconômico, seguiram-se ao desenvolvimento das parcerias africanas nos marcos da Cooperação Sul-Sul, paralelamente ao esvaziamento gradativo do monopólio político e econômico de cinco séculos do Ocidente.

Sem dúvida, a África caminha em direção à defesa da adequação da ordem internacional às realidades do século XXI. Todavia, coube aos chamados países “Emergentes” identificar as mudanças e impulsionar um novo padrão de relações internacionais. O Brasil retomou de forma rápida e intensa a política africana no início dos anos 2000, mas dadas as peculiaridades da política brasileira, esse projeto não foi sustentável nos governos seguintes. Já a Rússia, com menos visibilidade e mais firmeza, discreta e progressivamente, retomou e consolidou a política africana e, hoje, é um parceiro estratégico para os Estados africanos. China e Índia mantiveram padrões estáveis de

relações com a África, embora com características particulares. Entretanto, a posição e as condições de desenvolvimento dos países africanos ainda serão condicionadas pelo nível de consciência das mudanças internacionais em curso e por um comportamento mais assertivo no controle e na utilização dos seus recursos de poder.

O Número 17 da RBEA apresenta oito artigos e uma resenha. Os autores, além de instituições nacionais, estão vinculados a instituições acadêmicas de Angola, Burkina Faso, Etiópia, Moçambique, Nigéria e Portugal. Rômulo Neves e Paulo Visentini, no artigo *Crise e integração: as Comunidades Econômicas Regionais e a integração africana*, discutem que, após a entrada em vigor, em 2019, do acordo da Zona de Livre Comércio Continental da África, a integração africana teria ingressado em seu último estágio. O pressuposto inicial é o de que a realidade é mais complexa, com a existência de importantes desafios para a implementação do documento, como os diferentes estágios de desenvolvimento das diversas burocracias estatais e as definições sobre o escopo da integração.

Em *Construção do Estado na Etiópia pós-1991: o pseudo federalismo da EPRDF e a centralização autoritária reencarnada, uma visão geral e crítica*, Habtamu Wondimu Hibiso e Solomon Gebre Weldeananiya analisam construção do Estado da Etiópia pós-1991, elaborada pela Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope (EPRDF). Segundo os autores, os resultados apontam que a EPRDF implementou uma combinação de políticas pragmáticas e ideologicamente orientadas para construir a Etiópia. Todavia, para os autores, EPRDF repetiu estratégias e disciplinas de guerra para a construção do Estado e contribuiu para a reencarnação autoritária e a nova centralização do poder. Já em *Dinâmicas de mediação e compromissos pela paz em Moçambique (1989-2019)*, Cremildo de Abreu Coutinho e Eduardo Munhoz Svartman avaliam a negociação que culminou com a assinatura do acordo de paz de 1992, antecedida por uma guerra civil de 16 anos entre o governo da Frente de Libertação de Moçambique e o antigo movimento rebelde, a Resistência Nacional de Moçambique. Entretanto, apesar de avanços significativos na democratização do país, os autores constatarem retrocessos motivados pela exclusão e ausência de efetiva reconciliação nacional.

Ainda sobre Moçambique, Robson Dias da Silva e Thaysa Cunha, no artigo *Relação Sino-Moçambicana e o papel dos megaprojetos no desenvolvimento territorial de Moçambique* discutem a cooperação China-Moçambique e o papel de megaprojetos no plano de desenvolvimento territorial de Moçambique durante os anos 2000. Os autores buscam identificar os principais efeitos sociais e econômicos relacionados à implementação de megaprojetos de

infraestrutura chinesa no país para entender se é possível apontar a estratégia adotada por Moçambique como uma verdadeira forma de transformação e desenvolvimento socioeconômico. Na sequência, há três artigos sobre a Nigéria. Abimbola Oyarinu analisa o papel das elites políticas britânicas e nigerianas na formação do destino da Nigéria. A partir da eventualidade da guerra civil nigeriana com recurso ao método analítico histórico de pesquisa qualitativa, o artigo *A amalgamação de 1914 e a Guerra Civil Nigeriana: o fardo da culpa* traça a origem dos problemas socioeconômicos da Nigéria até o pronunciamento britânico de 1914.

Em *Complexo Petrolífero da Nigéria: a tragédia dos comuns*, Ekpotuatin Charles Ariye e Green Kevwe Abenabe avaliam como abundantes reservas de petróleo da Nigéria posicionaram a nação como um grande player no cenário energético global. Para os autores, entretanto, abaixo da superfície dessa riqueza de recursos se encontra uma complexa rede de desafios que atraíram a atenção internacional. Assim, eles investigam a dinâmica multifacetada da indústria petrolífera da Nigéria por intermédio das lentes da “tragédia dos comuns”. Por fim, em *Os desafios da transumância e da segurança interna na Nigéria: implicações para a segurança alimentar na zona geopolítica Sul-Sul*, Endurance Nogiomwan Aigbe e Joseph Aihie analisam a natureza da transumância e o nível de dano humanitário juntamente com seu impacto na segurança alimentar na zona geopolítica Sul-Sul. Para os autores, o governo deve criar um mecanismo eficaz, por meio do mapeamento de uma arquitetura de segurança holística, e adotar resoluções alternativas de disputas por meio do diálogo com os pastores e os fazendeiros nas comunidades.

E, ainda, Serge Noel Ouedraogo e Boubacar Sambare, no artigo *Ficar ou voltar: o dilema cornelianiano da diáspora burquinense em Gana*, discutem o dilema enfrentado pelos migrantes de Burkina Faso que vivem em Gana. Segundo os autores, em contraste com os fluxos de retorno de migrantes e descendentes de migrantes de Burkina Faso que vivem na Costa do Marfim, há poucos fluxos de migração reversa entre Gana e Burkina Faso. Nesse sentido, para identificar as aspirações e as decisões dos migrantes e seus descendentes, o estudo se baseia em recursos bibliográficos e dados empíricos. Foram realizadas principalmente pesquisas qualitativas com pessoas capacitadas em Gana e Burkina Faso. Como encerramento deste Número, Gilson Lázaro apresenta a resenha da obra “*Governing in the shadows: Angola’s Securitised State*”, de Paula Cristina Roque.

A RBEA publica versão eletrônica bilíngue (português e inglês). Assim, esperamos a contribuição de colegas do Brasil e do exterior, com os

quais pretendemos estabelecer vínculos para o aprofundamento do conhecimento e a construção de uma visão do Sul sobre o continente africano e das relações com ele.

Agradecemos à Assistente de Edição Gabriela Gampe Bonness e à equipe do CEBRAFRICA que trabalhou na tradução e revisão dos artigos. Agradecemos, ainda, a Augusto Camatti, Augusto Esposito, Henrique Leal, Isabella Cruzichi, Lucca Medeiros, Mariana Vitola, Matheus Xavier, Pedro Zandoná, Rafaela Serpa e Vinicius Baldissera pela colaboração na tradução e revisão dos textos em inglês.